

**“QUE RUFEM OS TAMBORES”:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA EM UMA BANDA ESCOLAR
EM SANTARÉM/PA.**

Renata Souza da Silva¹

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, onde foram abordados aspectos do estudo etnográfico e seu uso nas pesquisas de campo de cunho, principalmente, antropológico. Foi então que em busca de responder as questões: de que forma a preparação de uma banda escolar, tanto em seu aspecto técnico-musical quanto social, é percebida pelo olhar de um terceiro? Que tipo de ambiente uma banda escolar oferece aos seus? Quais relações são desenvolvidas nesse ambiente? Este trabalho pretende colaborar com o entendimento desse segmento musical e com futuros pesquisadores que se interessam pelo tema. Diante disso, esta pesquisa propôs-se a investigar o ambiente sócio musical de uma banda escolar através de uma experiência etnográfica, na qual foram acompanhadas a preparação e ensaios, bem como, a performance no III Concerto da Banda de Música da Escola Deputado Ubaldo Corrêa na cidade de Santarém/PA. Com essa pesquisa ficou claro o envolvimento e significado social que essa prática possibilita, e ainda, existem aspectos que somente podem ser sentidos se presenciados; aspectos esses que também são difíceis de descrever, talvez pelo fato de que o “being there” de Geertz (1998), nesse caso, não se refira a um lugar, mas a um sentir da atmosfera proporcionada pelo momento e pelo som.

Palavras-chave: Banda Escolar. Experiência etnográfica. Relações sociais.

ABSTRACT

This article was developed from a course taken at the Graduate Program in Society Sciences at the Federal University of Western Pará - UFOPA, where aspects of the ethnographic study and its use in field research, mainly anthropological, were discussed. . It was then that in an attempt to answer the questions: how is the preparation of a school band, both in its technical-musical and social aspect, perceived by the eyes of a third party? What kind of environment does a school band offer its students? What relationships are developed in this environment? This work intends to collaborate with the understanding of this musical segment and with future researchers who are interested in the theme. Therefore, this research proposed to investigate the socio-musical environment of a school band through an ethnographic experience, in which the preparation and rehearsals were accompanied, as well as the performance in the III Concert of the Music Band of Escola Deputado Ubaldo Corrêa in city of Santarém / PA. With this research it became clear the involvement and social meaning that this practice makes possible, and yet, there are aspects that can only be felt if witnessed; aspects that are also difficult to describe, perhaps due to the fact that the “being there” by Geertz (1998), in this case, does not refer to a place, but to a feeling of the atmosphere provided by the moment and the sound.

Keywords: School Band. Ethnographic experience. Social relationships.

Data de submissão: 10/07/2020

Data de aprovação: 26/08/2020

¹ Licenciada em Música e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade da Universidade Federal do Oeste do Pará, Participante do projeto de pesquisa: Memória, sociabilidades e cultura ribeirinha - Nupeam/UFOPA. E-mail: renata_06stm@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, em que foram abordados aspectos do estudo etnográfico e seu uso nas pesquisas de campo de cunho, principalmente, antropológico. Nesse sentido, verificou-se que a etnografia pode contribuir ricamente com o pesquisador que procura desvelar um ambiente que é estruturado muito além de seu espaço físico ou de sua estruturação organizacional, apresentando elementos relacionais e valores subjetivos que necessitam de método mais adequado para o alcance de seus objetivos.

Para tanto, optei por direcionar a pesquisa ao campo das bandas escolares da cidade, já que são grupos musicais muito presentes e populares na região. Por atuar na área da educação musical e por já ter sido membro de uma banda escolar, me questioneei enquanto pesquisadora, se poderia desenvolver um estudo sobre um objeto tão familiar sem interferir de forma significativa nesse novo ambiente que antes era intrínseco a minha atuação profissional e que agora me inquietava de forma a causar estranhamentos antes imperceptíveis.

Foi então que em busca de responder as questões: de que forma a preparação de uma banda escolar, tanto em seu aspecto técnico-musical quanto social, é percebida pelo olhar de um terceiro? Que tipo de ambiente uma banda escolar oferece aos seus? Quais relações são desenvolvidas nesse ambiente? Este trabalho pretende colaborar com o entendimento desse segmento musical e com futuros pesquisadores que se interessam pelo tema.

Diante disso, esta pesquisa propôs-se investigar o ambiente sócio musical de uma banda escolar através de uma experiência etnográfica, na qual foram acompanhadas a preparação e ensaios, bem como, a performance no III Concerto da Banda de Música da Escola Deputado Ubaldo Corrêa na cidade de Santarém/PA.

Este trabalho foi organizado em 3 partes, além desta introdução, alguns subtítulos remetem-se a elementos de uma partitura musical. A primeira seção Relações sociais e o fazer musical: contextualizando o objeto de pesquisa, discorre sobre referencial teórico da pesquisa e apresentação do local pesquisado; em seguida apresenta-se a seção referente a descrição resumida dos registros feitos em campo e intitula-se Diário de bordo, contendo 3 subseções que descrevem o primeiro e o segundo ensaio e o concerto, estas subseções foram nomeadas com expressões constituintes do fazer musical no ambiente estudado; por fim, as Considerações finais: “Da sensível à tônica” apresenta os resultados da pesquisa, ressaltando os elementos vistos, ouvidos e percebidos nessa experiência etnográfica.

1 RELAÇÕES SOCIAIS E O FAZER MUSICAL: CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE PESQUISA.

A produção (ou fazer) musical e seus efeitos podem ser diversos, tanto para aqueles que executam esta linguagem em uma *performance* quanto para os que a “recebem”, transformando o evento musical em um momento de interação entre músicos e sua audiência e é nesse momento que surge a “comunicação que geralmente resulta em vários níveis de satisfação, prazer e até êxito” (SEEGER, 2008).

Max Weber em seu livro *Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música* (1995) discorre sobre vários aspectos musicais demonstrando seu domínio técnico musical e seu interesse em apresentar a música como expressão decisiva no processo de racionalização, evitando conceituá-la de forma geral, analisando-a através de seu progresso em termos de sua estrutura e notação e “estabelecendo relações causais empíricas e históricas” (WAIZBORT, 2008).

Por muitos momentos na história, a música foi tratada como ferramenta facilitadora de aprendizagem e se demonstra presente na cultura de diversos povos, contribuindo para a

aquisição de valores e hábitos indispensáveis na construção da identidade coletiva. A arte (inclui-se a música como linguagem artística) e cultura são aspectos sociais indissociáveis. Para Merriam (1977) a música é parte integrante da cultura e do comportamento humano e reflete a sociedade em que se encontra.

Diante disso, o fazer musical contribui e faz parte das relações sociais estabelecidas em diferentes grupos e de diferentes formas. A compreensão do ambiente e como a música está sendo produzida, tal qual, o modo que contribui nas relações cultivadas; é relevante para o entendimento das suas funções. Merriam (1964) estabelece 10 funções sociais da música dentre elas a de “*comunicação*” e a de *contribuição para a integração da sociedade*. É sobre a colaboração do fazer musical às relações sociais e aspectos associados é que o olhar desta pesquisa foi direcionado, não especificamente, para o desenvolvimento da técnica musical, sem descartá-la como elemento constituinte do ambiente a ser desvelado.

Oliveira (1998) relata que em uma pesquisa em que o observador desenvolve um processo de imersão no campo, como ocorre na etnografia, são necessárias três etapas a serem cumpridas: *o olhar, o ouvir e o escrever*. No olhar e no ouvir, realiza-se o momento de percepção do pesquisador em campo, porém, será no escrever que as relações do que foi estudado previamente e experienciado em campo são fundidos em novos questionamentos e produções de discursos que sejam próprios da construção da teoria social.

Geertz (1998) já apresenta duas etapas distintas na investigação empírica: o “*being there*”, e o “*being here*”, em tradução livre “*estar lá*” e “*estar aqui*”. No “*being there*” há referência ao momento de estar no campo, o que podemos relacionar ao “*olhar e ouvir*” do pensamento de Oliveira (1998); e o “*being here*”, ao momento em que o pesquisador retira-se do campo para registrar e refletir sobre a experiência; podemos então relacionar a terceira etapa descrita por Oliveira (1998), o “*escrever*”. Portanto, as etapas descritas são importantes orientações em como caminhar pelo estudo antropológico e utilizar da etnografia para o desenvolvimento de estudos sobre a sociedade.

Em se tratando da cidade de Santarém, estado do Pará, *locus* desta pesquisa, reconhece-se desde sua fundação (séc. XVII), contínua história de movimentos artísticos que resultou em considerável produção de obras e autores diversos. Essa produção consolidou de forma visível a sistematização do ensino da música desde essas épocas, a maioria das escolas, tanto públicas quanto particulares mantem em suas atividades a música através da formação de bandas.

Santarém é um município que está localizado na região Oeste do Pará; e segundo o IBGE, ocupa uma área de 22.887 km², possui 294.580 habitantes e está a 1.400 km² de distância da capital do estado, Belém. Há uma tradição musical evidente no histórico de formações de bandas (militares, escolares e fanfarras) que é prestigiada principalmente nos desfiles cívicos da semana da Pátria – que acontece entre os dias 1 e 7 de setembro – mas também nos famosos festivais locais de bandas e fanfarras, que atualmente é desenvolvido pelo poder público municipal.

Os eventos culturais realizados na cidade contam com a participação massiva da população, um desses eventos, que é voltado às bandas escolares, é o Festival de Bandas e Fanfarras, que incentiva a produção musical nas escolas através da premiação em instrumentos para formação das bandas; as vencedoras do festival (1º, 2º e 3º lugares) são premiadas com instrumentos de sopro para a composição dos seus grupos musicais.

Eventos que envolvem música são populares em qualquer lugar do mundo (SEEGGER, 2008) e se apresentam de variadas formas e estilos – festivais, shows, projetos, entre outros e para que sejam desenvolvidos de forma satisfatória; os atores deste meio seguem, na maioria das vezes, uma rígida preparação musical, física e emocional; e apesar da diversidade dessas atividades, certas características permanecem.

Além do Festival de bandas de Santarém, que já foi tema da dissertação de mestrado de Fonseca (2016), a semana da Pátria também é grande atração na cidade. Durante a primeira semana do mês de setembro, as escolas públicas e particulares, instituições de cunho religioso, projetos governamentais, militares, entre outras organizações; desfilam nas principais ruas da cidade acompanhados das Bandas Marciais, que ditam a cadência de marcha ao som de dobrados e repertório temático variado.

Nesse contexto, grupos musicais formados com instrumentos de sopro – aerofones, como, saxofones, clarinetes, trompetes e trombones – e instrumentos de percussão – membranofones, como bumbos, caixas e surdos e vibrafones, como os pratos musicais – passaram a ser inseridos nas escolas com a finalidade primária de acompanhar o desfile das instituições durante a Semana da Pátria; tocando músicas que ditam o andamento e marcam a principal característica desses eventos: a locomoção em marcha (herança militar).

A esses grupos musicais que apresentam formação semelhante à banda militar, e que se desenvolvem dentro das escolas, chamamos de banda escolar. Souza (2010) já destaca em sua pesquisa, que investigações sobre os processos encontrados no ambiente de uma banda escolar, favorece o entendimento não só da música como linguagem técnica, mas também seus aspectos socioculturais.

Entre os anos de 2010 e 2012, resolvi ingressar em uma banda escolar para melhor desenvolver minha aptidão musical e aprender um instrumento de sopro, e este, foi meu primeiro contato com uma Banda Marcial. Foi então que pude perceber o quão árduo é o trabalho desenvolvido nesses grupos musicais e como os participantes se empenhavam em busca da perfeição na apresentação, sendo que os músicos passam por uma preparação contínua que antecede tais eventos, para que desenvolvam a música de forma significativa e assim, justifiquem sua estadia perante o público e, conseqüentemente, o apreço deste.

Além da preparação para a semana da Pátria, que é um evento muito prestigiado pela população santarena, desde 2008 a Prefeitura de Santarém organiza o Festival de Bandas e Fanfarras. Nesse evento, as bandas fazem suas apresentações musicais e coreográficas, e disputam nas categorias: Fanfarras Simples (composta por instrumentos de percussão: bumbos, pratos, surdos, entre outros; Fanfarras com melodia (que apresenta em sua formação tanto os instrumentos de percussão quanto cornetas e cornetões) e Banda show.

Durante o mês de novembro pude acompanhar, conversar e conhecer melhor uma banda da Escola Municipal Deputado Ubaldo Corrêa, também conhecida como BAMDUC, que existe desde 2002 e já passou da formação de uma fanfarras simples para uma Banda Marcial, através do incentivo do “Projeto Música na Escola” também promovido pelo poder público municipal.

A BAMDUC funciona na escola municipal mencionada, que fica localizada às margens da Rodovia Fernando Guilhon, no Bairro do Santarenzinho, e já foi tida como um educandário que representava um ambiente hostil, com venda e uso de drogas e de encontro de gangues, mas segundo aquilo que presenciei nas conversas com as pessoas que frequentam a instituição, essa prática já foi controlada e que muita gente externa à escola ainda tem essa impressão como relatado no histórico da banda; este documento me foi enviado pelo responsável da banda na escola que coletou dados com ex integrantes e antigos coordenadores:

“Devido haver na escola um grande número de ocorrência de violência tanto no entorno da escola e até mesmo dentro, onde as chamadas “gangues” se encontravam devido à localização da escola naquela época estar desprotegida de vizinhos. Como estratégia em 2003, foi feita parceria entre escola e 3º BPM [...]a cada dia o desempenho da banda crescia e ajudava a Escola a conquistar o respeito da comunidade e dos gestores públicos da época”

Atualmente a escola recebe alunos que geralmente moram próximo à instituição e, grande parte são moradores do Residencial Salvação (onde moram mais de 3.000 famílias), e por essa razão, ao se locomover pela rodovia nos horários de 7h e 13h, pode-se verificar um grande número desse alunado dirigindo-se à escola a pé, identificados com o uniforme escolar. Meu trajeto diário, este em que observo esse “pequeno igarapé de alunos”, se faz por eu exercer a função de professora de Artes nessa escola, porém, não tenho ligação direta às atividades banda, apenas como observadora e apreciadora de trabalhos como esse.

A BAMDUC aceita em sua formação, alunos, ex alunos e algumas pessoas da comunidade (após análise da gestão do projeto em que a banda está inserida e da coordenação pedagógica da escola), mas em sua maioria, os alunos/músicos estão efetivamente matriculados na escola.

Os ensaios e as aulas de teoria musical perduram ao longo do ano, incluindo os meses de Julho e Janeiro (período de férias escolares), para não perder o contato com os alunos, bem como dar continuidade aos estudos.

Nessa perspectiva, esta pesquisa foi desenvolvida sob forma de etnografia seguindo os padrões abordados do olhar, ouvir e ver, já citados nos trabalhos etnográficos por Lévi-Strauss (com a modificação do último verbo para ler), por Oliveira (1998), dentre outros antropólogos. Inserindo-me como pesquisadora nos ensaios da Banda da Escola Municipal Deputado Ubaldo Corrêa, localizada na cidade de Santarém/PA, e acompanhando-os até a realização do III Concerto BAMDUC (nome utilizado para referir-se à banda).

2 DIÁRIO DE CAMPO:

2.1 PRIMEIROS COMPASSOS

No primeiro dia de campo, fui ao ensaio somente para observar, sem a intenção inicial de conversar com os participantes, até para não prejudicar o andamento dos eventos e desfocar os músicos, o que pareceu, aparentemente, difícil de concretizar como será abordado mais adiante.

Cheguei às 17h, e por já ter intimidade com o ambiente, me direcionei primeiramente à sala dos professores onde encontrei o regente e responsável pela banda, tivemos uma breve conversa, eu já o conhecia por ele também lecionar a disciplina de arte na escola, porém pouco conversávamos já que trabalhamos em turnos diferentes, foi então que iniciamos breve diálogo, pois a hora de iniciar o ensaio (17h30) já estava próxima. Nesse curto momento, o regente comentou-me que a dinâmica de ensaio iniciava-se com o estudo individual ou em naipes – grupos de instrumentos iguais ou da mesma família - dos alunos/músicos e posteriormente todos seriam direcionados à quadra para o ensaio coletivo, a banda estava em preparação para seu II Concerto anual a ser realizado em data próxima.

Subi então uma longa rampa que interliga as salas de aula e termina numa área coberta que é utilizada como refeitório e antecede a quadra. Ao percorrer a rampa pude observar que os estudantes de música se espalhavam pelas salas de aula e áreas externas da escola, sempre procurando um lugar que estivesse longe dos instrumentos de outros naipes para não se distrair com o som dos colegas, essa seria uma missão difícil pois a estrutura da escola não apresenta nenhuma possibilidade de isolamento acústico ou pelo menos uma tentativa de minimizar o som produzido.

Alguns rostos familiares das turmas da manhã, nas quais leciono, me reconheciam e quase podia ouvir seus pensamentos pelas expressões faciais. O que ela está fazendo aqui? A primeira impressão que tive é de que eles estavam completamente incomodados com a minha presença, como se estivesse ali para avalia-los de alguma forma. Não me ative a observar os estudos, mas verifiquei que estavam em estudos individuais e de naipe portavam apenas

instrumentos de sopro (flautas, clarinetes, saxofones, trompetes e trombones), representando uma parcela majoritária da banda, porém faltava a percussão.

Segui então até a quadra e lá já se encontrava o grupo de percussão (bumbos, surdos, caixas e pratos), ensaiando, alinhados à frente de um condutor, aparentemente aluno veterano da banda, que os direcionava na execução musical das peças. Então sentei-me na arquibancada, ao lado de outros alunos e pais que por ali estavam, observei a aproximação do professor/regente que logo pediu a outros que chamassem todos os músicos de sopro que estavam em seus estudos individuais e de naipe.

Então, percorri o olhar através dos rostos (alguns conhecidos), me pareceram tão jovens e tão focados no que estavam fazendo, diferentemente do que demonstram no dia a dia em sala de aula, essa observação remeteu-me a Geertz, pois trata-se de uma percepção que se apresenta com mais clareza quando o pesquisador está *in loco* e presencia os fenômenos *being there*.

2.2 DO "S" AO CODA: O SEGUNDO ENSAIO.

Na segunda visita, cheguei por volta das 17h30min e direcionei-me novamente à sala dos professores onde encontrei, como da primeira vez, o regente da banda e perguntei se podíamos ter uma conversa mais detalhada sobre a estadia dele na escola e na banda.

O regente então me contou que está ali a cerca de 5 anos, quando assumiu o cargo de professor de arte (o mesmo é formado no curso de Licenciatura Plena em Música pela Universidade do Estado do Pará – UEPA e concursado no cargo de professor de arte do 6º ao 9º ano) e foi justamente neste momento que o responsável pela Banda com seu cargo voluntário naquele ano, chegou e entregou seu posto. Portanto, ficaria sem aquela atividade extraclasse que era muito apreciada pelos alunos (a BAMDUC já existia desde 2002, pouco mais de uma década antes da chegada do atual regente na escola, porém apresentava formato de fanfarra, somente com instrumentos de percussão - bumbos, surdos, pratos).

2.3 DA CAPO AL FINE: O III CONCERTO ANUAL DA BAMDUC.

No dia 20 de novembro de 2019 foi realizado o III Concerto BAMDUC na Casa de Cultura, localizada na Avenida Borges Leal, Bairro Santa Clara, em Santarém-PA; às 20h. Cheguei ao local do evento por volta das 19h e já avistei os alunos/músicos aquecendo, estudando seus instrumentos em preparação para apresentação, todos estavam trajando vestimentas sociais padronizadamente pretas. As meninas trajavam vestidos longos e os meninos camisa, calça e sapatos sociais. Era perceptível o capricho nos acessórios, penteados e maquiagem, representando a importância do momento, bem como a presença dos pais e familiares dos alunos, também empossados de vestimentas aparentemente, escolhidas com cuidado.

Às 20h30min o evento iniciou com as boas-vindas do cerimonialista que continuou com a seguinte fala: “Há 16 anos, a escola que era conhecida por abrigar integrantes de gangues, traz um espetáculo à Santarém, comprovando que a música pode transformar realidades” disse em tom efusivo, confirmando a “má fama” com que a escola convive referente à fatores que aparentemente foram superados. Era perceptível o envolvimento pessoal na fala do mestre de cerimônia, assim como seu apreço pelas atividades da Banda em seus comentários.

As apresentações começaram com a participação do grupo de dança da escola, intitulado DANCEDUC, com a coreografia Mova-se elaborada pelos próprios alunos que, ao que me parece, estão sem professor (durante o ano havia uma professor de dança que

organizava, montava as coreografias e ensinava aos alunos), porém, é importante ressaltar que a qualidade do que foi montado e apresentado por eles foi de admirável rigor artístico.

Em seguida as apresentações percorreram por peças executadas por grupos menores subdivididos em naipes; iniciando pelos instrumentos de percussão com composição adaptada pelo regente e arranjo próprio para o evento. Após a percussão, o grupo de flautas transversais apresentou a Música Photograph de composição de Ed Sheren e Arranjo de um ex aluno e integrante da Banda e atual acadêmico do Curso de Música, é importante salientar que as atividades desenvolvidas pela Banda podem incentivar o aprofundamento e o interesse artístico e profissional dos alunos em exercer na música uma prática que protagonize suas atividades diárias, como aconteceu com o arranjador citado.

Após o naipe de flautas, foi a vez dos trombones apresentarem a Música Anunciação de Alceu Valença e arranjo de um dos músicos colaboradores da Banda. A reação do público foi de satisfação e o acompanhamento das palmas foi quase que inevitável.

Após o bloco executado pelos naipes, a segunda parte da apresentação mostrou o repertório preparado pela banda completa com as músicas apresentadas na tabela abaixo:

Tabela 1: Repertório apresentado no III Concerto da BAMDUC.

Nº	Música	Arranjo/Adaptação
1	Feira Santarena	Arranjo: Fabio Rodrigo
2	Farinhada	Arranjo: Cb PM Jarlio
3	Rock “O Lutador”	Arranjo e adaptação: Paulo Nadson (aluno da Banda) e Fabio Rodrigo (ex integrante, já citado)
4	Abba Gold	Arranjo: Ron Sebreghts Transcrição: Marcos Paulo da Silva
5	Que país é esse	Compositor: Renato Russo
6	Ana Júlia	Compositor: Marcelo Camelo
7	Tempo Perdido	Compositor: Renato Russo Adaptação: Fabio Rodrigo.
8	Pais e Filhos	Compositores: Dado Villa Lobos, Renato Russo e Marcelo Bonfá.
9	Sequência de músicas apresentadas no Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém 2019.	

Fonte: Programa do evento.

As músicas 1 e 2 representam peças da região Norte, onde apresentam em seu ritmo o estilo marambiré (gênero musical d Vila de Alter do Chão em Santarém) e o carimbó (gênero musical típico da Região Norte do Brasil, mais evidente no estado do Pará) e em suas letras aspectos da cultura paraense, como na música Feira Santarena que ressalta motivos para amar a cidade, seus aromas, crenças e lendas; e na segunda música Farinhada destaca-se o feitio da farinha de mandioca, alimento típico regional.

A peças 3 e 4 são músicas internacionais dos anos 70, com arranjos que valorizam os instrumentos da família dos metais (trompete, trombones, tuba e trompa), e que foram incluídas no concerto e que segundo o regente foram sugeridas pelos alunos por serem músicas conhecidas destes e que já haviam sido utilizadas no programa de estudos dos naipes, apesar de sua preferência por músicas nacionais.

As músicas 5 a 8, já faziam parte do repertório tocado pela banda em diversos eventos e direciona o público à apreciação do Rock nacional que fez muito sucesso nos 80 e 90 e ainda são reconhecidas pelo público atualmente.

Finalizando com a sequência utilizadas no Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém em 2019, que tratava das músicas brasileiras mais tocadas nos meios de comunicação nacionais nas décadas de 60, 70, 80, 90 e anos 2000, respectivamente:

Banho de Lua (Celly Campelo), Não quero dinheiro (Tim Maia), Astronauta de Mármore (Nenhum de Nós), Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones (Engenheiros do Havai) e Tempo de Alegria (Ivete Sangalo).

A sequência de músicas escolhidas, segundo o regente, priorizam composições brasileiras com algumas exceções como as músicas Rock “O lutador” e “ABBA Gold” que foram apresentadas no evento com a justificativa de serem arranjos sugeridos pelos próprios alunos e são conhecidas pela maioria dos membros deste grupo musical; todo o repertório é escolhido pelo próprio regente que utiliza como critérios: a reação do público e o nível de produção musical dos alunos. Durante o concerto o público interagiu cantando as músicas e acompanhando-as com palmas.

O concerto encerrou com a fala da Diretora da escola que agradeceu emocionada a presença dos pais e responsáveis no evento, comentou que muitos indagavam “Esses meninos não param de tocar não?” referindo-se aos momentos de estudos, geralmente são feitos em horários intermediários às aulas. O cerimonialista completou: “Somos mais que uma Banda, somos uma família!, quando muitos não acreditavam em nós, fomos lá e mostramos do que somos capazes!” referindo-se ao título recém conquistado no Festival de Bandas, arrancando aplausos e gritos efusivos dos alunos.

Percebi que momentos como esses trazem à tona o sentimento de pertencimento, como os que os alunos demonstram pela escola, não só os que participam da banda, mas também os que se fazem presentes para prestigiar o trabalho dos colegas, muitos exibiam orgulhosos a farda da banda que apresenta o símbolo e as cores da escola.

Diante disso afirma Cortina (2005, p. 27): “o fato de se saber e de sentir cidadão de uma comunidade, pode motivar os indivíduos a trabalhar por ela”. Sendo exatamente essa a atmosfera que exalava no momento dos participantes da BAMDUC, ficando claro no relato emocionado de alguns membros durante as visitas e na dedicação destes em ensaios cansativos realizados em horários intermediários, que geralmente são momentos de lazer ou descanso fora do ambiente escolar. A expressão de satisfação dos familiares, professores, músicos e alunos da escola contribuíam para o cenário que representava a superação e determinação de um trabalho musical voltado para o desenvolvimento integral de seus membros.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DA SENSÍVEL À TÔNICA

Numa escala musical, as notas são chamadas graus e representadas por números romanos, assim são enumeradas de I à VII; o sétimo grau de uma escala, geralmente causa uma sensação de tensão na música, sensação só desaparece com a emissão do I grau que chamado de tônica, ou seja, na música, na maioria das vezes a sensível, que causa tensão, necessita ser resolvida pela tônica.

Nesta etnografia, a “sensível” questão apresenta-se nos inúmeros fatores negativos que podem influenciar no funcionamento de atividades como as da Banda pesquisada. O passado de gangues da escola, a estrutura precária do prédio público que dificulta o desenvolvimento das atividades com produção sonora e as dificuldades se lidar com indisciplina, problemas pessoais dentre muitos outros aspectos advindos das personalidades dos alunos/músicos e suas famílias afetam direta ou indiretamente a efetivação e eficiência do fazer musical nesse contexto.

A tônica que traria o alívio à tensão causada pela sensível apresenta-se na própria convivência e produção musical, pois tais atividades confortam, animam e incentivam os participantes não à continuidade da produção musical, mas também na difusão dos conceitos de pertencimento, disciplina e prazer. Nas curtas conversas com alguns integrantes, todos

citam a banda como uma família e como este fazer modificou algum aspecto de sua percepção de mundo, de coletividade e de seu papel neste grupo musical.

Sabemos, empiricamente, que a música causa efeitos diversos no ser humano, muitos teóricos musicais, como Dalcroze, Kodály e Orff, músicos eruditos que dedicaram-se à elaboração de métodos de ensino da musical que favorecem o interesse, acessibilidade e a potencialidade de aprendizado de todos à essa arte. Com essa pesquisa ficou claro o envolvimento e significado social que essa prática possibilita, e ainda, existem aspectos que somente podem ser sentidos se presenciados; aspectos esses que também são difíceis de descrever, talvez pelo fato de que o “being there” de Geertz (1998), nesse caso, não se refira a um lugar, mas a um sentir da atmosfera proporcionada pelo momento e som.

REFERÊNCIAS

CORTINA, Adela. ***Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania***. (Traduzido por Silvana Cobucci Leite). São Paulo: Loyola, 2005.

FERRAZ, Gabriel. **Heitor Villa-Lobos e Getúlio Vargas: Doutrinando crianças por meio da educação musical**. *Latin American Music Review*, vol. 34, nº 2, p. 162-195 (Artigo). 2013.

FONSECA, Wilde Dias da. **Santarém Momentos Históricos**. 5 ed. ICBS – Instituto Cultural Boanerges Sena – Santarém, 2006.

FONSECA, Wilson. **Meu Baú Mocorongo: pesquisas, recordações e reflexões sobre a vida histórica e sociocultural de Santarém, PA: SECULT, 2006**. 6 v. 1 CD

FONSECA, Eliane C. N. F. **Bandas e Fanfarras escolares: Processos de ensino na preparação para o Festival de Bandas e Fanfarras de Santarém**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, 2016.

Geertz, C. (1998). **O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui"**. *Cadernos De Campo (São Paulo 1991)*, 205-235. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/52621>. Acessado em: 10 de agosto de 2020.

GERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. **Educação musical hoje e, quiçá, amanhã**. In: LIMA, Sonia A. (Org.). *Educadores musicais de São Paulo: Encontro e reflexões*. São Paulo: Nacional, 1998. p. 39-45.

MERRIAN, Alan. ***Anthropology of the music***. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1998.

SEEGER, Anthony. **Etnografia da música**. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 17, p. 1-348, 2008.

SILVA, Hélio R. S. **A situação etnográfica: andar e ver.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188. 2009.

SOUZA, E. L. **“P’ra ver a banda passar”:** uma etnografia musical da Banda Marcial Castro Alves. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Paraíba. 187fl. João Pessoa, 2010.

WAIZORT, Leopoldo. **Música e Racionalismo em Weber.** Revista Cult, São Paulo, p. 55 – 57, maio 2008. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/musica-e-racionalismo-em-weber/>. Acessado em 1 de março de 2020.

ZIMMERMANN, Nilsa. **A música através dos tempos.** 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2007.